

1. ESTRANGEIRO

Alegre Corrêa / Romy Martínez

guaránia-
chamamé

Yo soy aquel que vino aquí a buscar un lugar
Donde plantar las flores que también perfuman mi país
Derramo la canción que aprendí en mi idioma natal

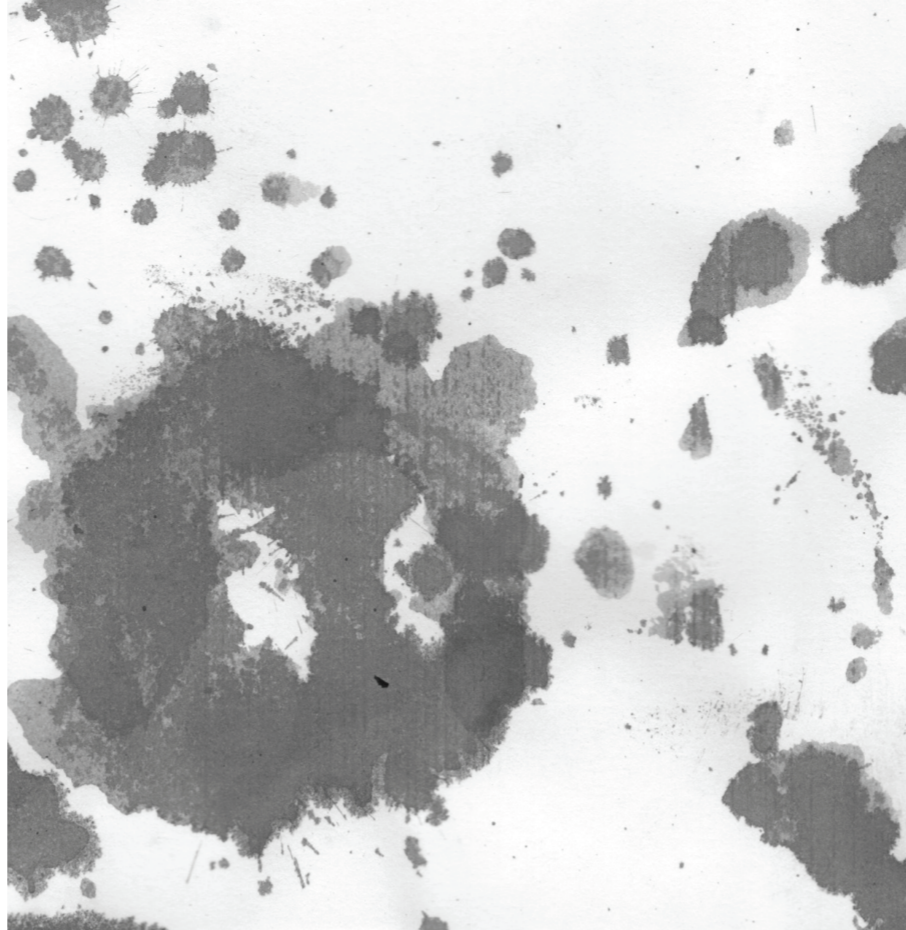
Sou a semente que ao migrar transformou sua cor
E no futuro crescerei nos verdes da mesma raiz
Amando o que não conheci nas campinas de lá

Traigo el río en las retinas, puentes que atravésé
Bordeando los matices del terruño que dejé
Como el sol del medio día que cruzó el amanecer
Y sin percibir ahora un dolor nubla mi pecho
Y en mi boca lloverá al cantar

Pulsando o tempo em cada passo
Tenho um relógio no meu coração
Onde Deus escreve o destino
Por linhas tortas da minha intuição
Trago poeira nos calçados de três nações
Levo comigo a terra de onde sou

Tupã, oré ru
Ehendu oré pyahé
Emoguéna ko yvy ñembyasy
Paráre embojoapy oré yguazú resay¹

¹Deus, pai nosso,
Ouve nosso clamor,
Cura a dor desta terra,
Que se assentem no mar as
lágrimas de nossos grandes rios



2. BATENDO ÁGUA

Luiz Marengo / Gujo Teixeira

chamamé

Meu poncho emponcha¹ lonjuras batendo água²
E as águas que eu trago nele eram pra mim
Asas de noite em meus ombros sobrando casa³
Longe das casa ombreada a barro e capim

¹ veste (se referindo ao poncho)

²enfrentando a chuva

³Acampando a céu aberto, meu poncho é minha casa

⁴colocar na mala

⁵refere-se a abrir o poncho, erguendo os braços como asas

⁶fingindo ser sensato

⁷ cavalo enfrentando o frio

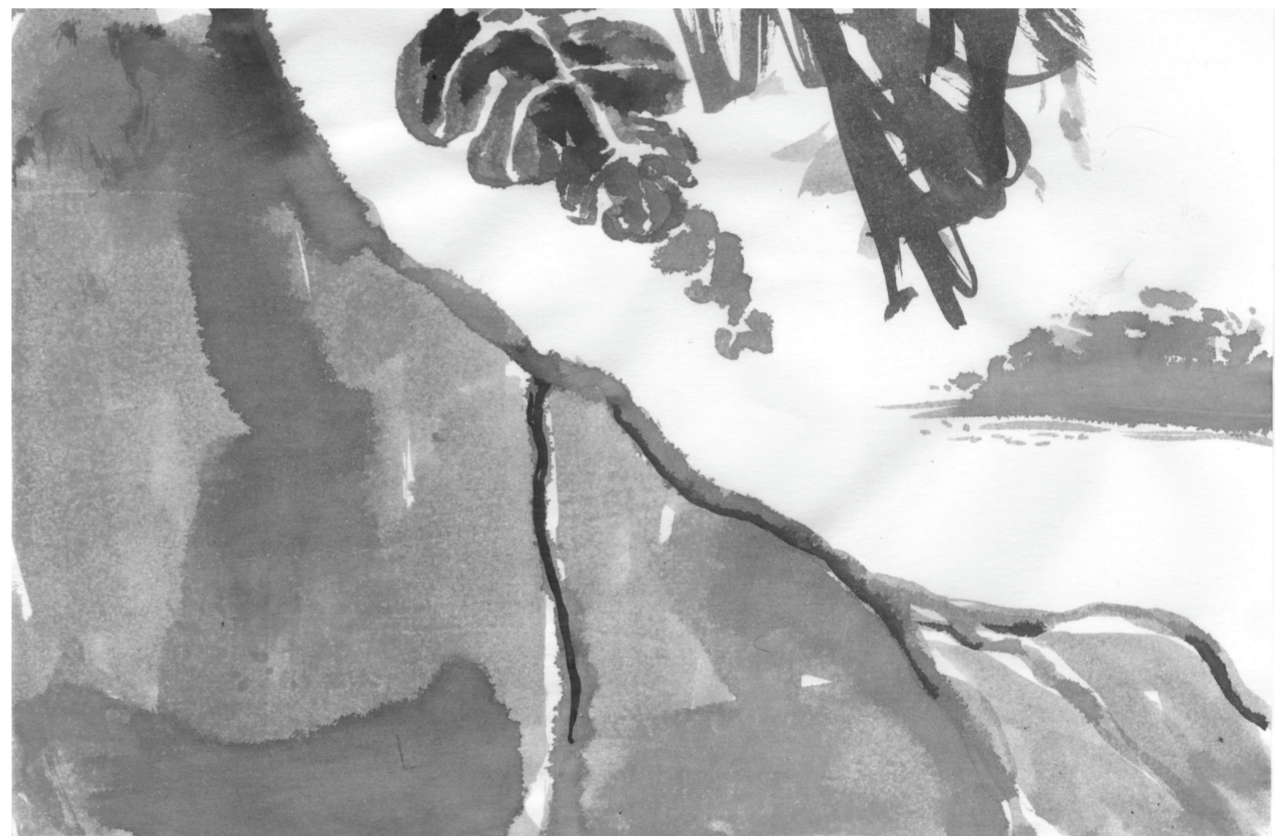
Faz tempo que eu não emalo⁴ meu poncho inteiro
Nem abro as asas da noite pra um sol de abril⁵
Faz muitos dias que eu venho bancando o tino⁶
Das quatro patas do zaino⁷, pechando o frio

/Troca um compasso de orelha a cada pisada
No mesmo tranco da várzea que se encharcou
Topa nas abas sombreras, que em outros ventos
Güentaram as chuvas de agosto que Deus mandou/

Meu zaino garrou da noite o céu escuro
E tudo o que a noite escuta é seu clarim
De patas batendo n'água depois da várzea
Freio e rosetas de esporas no mesmo trim

Falta distância de pago e sobra cavalo
Na mesma ronda de campo que o céu deságua
Quem tem um rumo de rancho pras quatro patas
Bota seu mundo na estrada batendo água!

/Porque se a estrada me cobra, pago seu preço
E desabrigo o caminho pra o meu sustento
Mesmo que o mundo desabe num tempo feio
Sei o que as asas do poncho trazem por dentro/



3 TRISTEZA DO JECA

Angelino de Oliveira
(Ed. Vitale / Todamérica - ADDAF)

Nestes versos tão singelos minha bela meu amor
Pra você quero cantar o meu sofrer a minha dor
Eu sou como o sabiá que quando canta é só tristeza
Lá no galho onde ele está

/Nessa viola eu canto e gemo de verdade
Cada toada representa uma saudade/

Eu nasci naquela serra num ranchinho beira chão
Todo cheio de buraco onde a lua faz clarão
Quando chega a madrugada lá no mato a passarada
Principia o barulhão

Lá no mato tudo é triste desde o jeito de falar
Quando riscam na viola dá vontade de chorar
Da vontade de chorar
Não tem um que cante alegre todos vivem padecendo
Cantando pra se aliviar

Vou parar com minha viola já não posso mais cantar
Pois o jeca quando canta tem vontade de chorar
O choro que vai caindo devagar vai se sumindo
Como as águas vão pro mar

Participação especial: Carlinhos Antunes, viola caipira



4. TAPERA

Vitor Ramil / João da Cunha Vargas

milonga

Rancho de barro caído
Num canto à beira da estrada
Algum tempo foi morada
Do velho guasca tropeiro
Foi pouso de carreteiro
E do índio da pá virada

Se vê o sinal do palanque
Do pára-peito e cercado
E um pé de umbú bem criado
Onde se dormia a sesta
Braço curvado na testa
Sonhando com o passado

Deixei gravado na casca
A data marcando a era!
Gravar de novo eu quisera
O que deixei no rincão
E tirar de riba do chão
A cicatriz da tapera¹

Pedaço triste do pago
Quando a noite vem chegando
E o gado vem farejando
Procurando uma pousada
Lambendo a guincha esfiapada
Que o tempo vai derrubando

Quando ali passa o gaudério
De noite com tempo feio
Quase sempre tem receio
Que ali exista um assombro
Atira o poncho no ombro
E levanta o pingo no freio

¹O que o caminho gera

5. PÉ DE CEDRO

Zacarias Mourão / Goiás
(Irmãos Vitale)

polca
paraguaiá-
rasqueado

Foi num belo Mato Grosso
Há vinte anos atrás
Naquele tempo querido
Que não volta nunca mais

Nas matas onde eu caçava
Um pequeno arbusto achei
Levando pra minha casa
No meu quintal plantei

Era um belo pé de cedro
Pequenina, em formação
E plantei suas raízes
Na terra fofa do chão

Um dia parti pra longe
Amei e também sofri
Vinte anos se passaram
Em que distante vivi

Hoje volto arrependido
Para o meu antigo lar
Abatido e comovido
Com vontade de chorar

E rever meu pé de cedro
Que está grande como que
Mas é menor que a saudade
Que hoje sinto de você

Cresceu como minha mágoa
Cresceu numa força rara
Mas é menor que a saudade
Que até hoje nos separa

A terra ficou molhada
Do pranto que derramei
Que saudade pé de cedro
Do tempo em que eu te plantei

6. IRUPÉ

Chungo Roy
Fragmento em guarani: Romy Martínez
(SADAIC)

Âga kiririetepe ou Irupé,
piru guata
Ha mbeguemi opoñyhápe
ojemboja che irére
Omomorá ko che
purahéi ha oñakáiy!¹

*¹Hoje silenciosamente vem Irupé,
passos pequenos
E lentamente andando em quatro
patas se acomoda ao meu lado
Consente esta minha canção
com a cabeça inclinada*

Participação especial: Lea Freire, flauta baixo
e flauta contrabaixo

7. LA CAUTIVA

Emiliano R. Fernández / Agustín Larramendia
(APA/SADAIC -ADDAF)

Oime oiko pe jaire petei guyra oñemíva
Che ambohéra la cautiva oikóre ñapytímby
Che py'áre ojatapy akanundúicha ñaróva
Mborayhu ichupe arekóvaaréma ñiongatupy

Che rendúna la cautiva che renói taha nde ypýpe
Ani upe ka'aguýpe nde año reiko re sufrí
Che ko ikatúnte avei roipe'a mba'e mbyasýgui
Ha ajorávo nde kupýgui pe oikóva ne ñapytí

Ne rendagua arekopáma javeve katu guyráicha
Jahupytyne oimeháicha che reko ha mombyry
Anínteke rembyasy nde rakykuere opytáva
Ndénteko che ánga jára reikóva ñapytímby

Nderehente nderehente ake ha apáyvo ha'éva
Oiméne piko oikoveva che korasó jarami
Ndénte ne añagui rei reiko nde jaula ruguápe
Ne reseiri che rendápe nde járagui roñomi

Ha kuña ipy'a hatáva mborayhu oikuaase'yva
che korasóme oñotyva kyseichagua mborayhu
Oikohaguá che kutu mantereí hayhupápe
Ou rangue che rendape ha ipempópe che peju*

**Para ver a tradução visite o site do trio:
www.puraheitrio.com*



9. MILONGA TRÊS NAÇÕES

Fernanda Rosa
Versão em guarani-espanhol: Romy Martínez/Gilberto Santacruz

Em meio ao oeste se vê cantar, as milongas de lá
De três nações não distingo a dor
Vermelho sangue é minha cor

Em lendas curvas no verde-mar
Desce o rio Paraná
Inunda em roxo seu lindo tom,
Tingido em sangue em tempos atrás

Ao oeste pra espalhar
Verde-amarelo, coração,
Corre este rio Paraná
Que veio a abraçar humilde águas do perdão
Eu peço ao Paraguai

Mba'eichagua aipo purahéi ipuva?¹
Pévapa ángaguá téra tesaraipente oikova?²

Yo escucho desde lejos una canción que
levemente me recuerda...
Você paraguaio, brasileiro, argentino, uruguaio...
Nossos ancestrais foram protagonistas das
histórias que lêmos naqueles livros

Paragotu ñahendu ipu,
Ipurahéi kuéra ayvu,
Mbohapy tetá mbyasy mba'e
Tuguy pytáva pe ñande apé³

Ñe'ê karê parápe oho,
Paranáre oquejy
Pytánguyva osyry,
Yma tuguy hesé oño'ò⁴

Al este a derramar, el rojo azul del corazón
Fluye airoso el Río Paraná
Heridas limpiará rencores el mar diluirá
Paz amado hermano Brasil

*¹Cómo soava aquela música?
²Era de agora? Como era o nome?
Esquecemos do que aconteceu?*

*³Em direção ao mar ouvem-se sons
As canções murmuram
Das dores de três nações
Vermelha a cor embaixo da pele*

*⁴Palavras em curvas indo pro mar
Desceram o rio Paraná
Fluindo o tom vinho
Do sangue que foi derramado*

Participação especial: A corda em si. Fernanda Rosa, voz. Mateus Costa, contrabaixo.

10. SONHOS GUARANIS (AVA KERAPOTY)

Almir Sater / Paulo Simões
Versão em guarani: Romy Martínez
(Peermusic do Brasil)

Paraguay akói imandúa umi tembiasakué asy
upévale ánga oñemýatâma guarani tajy
ko ñe'ê ñahenduvo ñane à ipirimba
pumbyasy ha puraheipe ñemyró opa¹

Mato Grosso hesaráise yma mbokapu ryapukue
avei oikua'a ñorairó'yrire hetá ambue ramo'a
ahaihúgui teko ymaguaré upéicha avei che asé
che remiandure oguata pe tekote'ê²

Che korasó ndo kiriri,
ñe'ê ñeppyrú omyañáva purahéi,
ha upéi opa che hegui,
añaduvo mávapa che,
Paraguay ha Brasil mbytépe, tetápypegua³

Mato Grosso encerra em sua própria terra sonhos
guaranis
Por campos e serras a história enterra uma só raiz
Que aflora nas emoções e o tempo faz cicatriz
Em mil canções lembrando o que não se diz

E cego é o coração que trai
Aquela voz primeira que de dentro sai
E às vezes me deixa assim ao
Revelar que eu vim da fronteira onde
O Brasil foi Paraguai



*¹Paraguai ainda lembra
aquelas histórias dolorosas
Mas até hoje resiste como um forte Ypé
Numa língua que se escutarmos
faz o peito estremecer
Entre pesares e canções, a mágoa se acaba*

*²Mato Grosso quisera esquecer
o antigo som do fuzil
Sabe também que sem a guerra
hoje seria de outra nação
Sendo amante de tradições nas que eu nasci
Nos sentimentos caminham aquela identidade*

*³Meu coração não cala
Aquela voz que de longe surge ao cantar
Mas às vezes me deixa sem voz
Ao lembrar quem eu sou
Do limiar entre o Paraguai e o Brasil,
fronteiriço*

11. TRES HERMANOS

Chungo Roy
(SADAIC)

ESTRANGEIRO (bonus track)

Alegre Corrêa / Romy Martínez

Participação especial: Bebê Kramer, acordeom



1. Estrangeiro 4:39 BXXRY71600001
2. Batendo água 3:18 BXXRY71600003
3. Tristeza do jeca 4:20 BXXRY71600005
4. Tapera 5:02 BXXRY71600009
5. Pé de cedro 2:51 BXXRY71600007
6. Irupé 7:14 BXXRY71600006
7. La cautiva 2:30 BXXRY71600011
8. Tocando em frente 3:58 BXXRY71600010
9. Milonga três nações 3:48 BXXRY71600004
10. Sonhos guaranis 5:36 BXXRY71600008
11. Tres hermanos 3:05 BXXRY71600012

Bonus track Estrangeiro 6:08 BXXRY71600002

8. TOCANDO EM FRENTE

Almir Sater / Renato Teixeira
(Peermusic do Brasil/Sater & Sater)

Ando devagar
Porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais

Hoje me sinto mais forte
Mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco sei
(Ou nada sei)

Conhecer as manhas
E as manhãs
O sabor das massas
E das maçãs

É preciso amor
Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir

Penso que cumprir a vida
Seja simplesmente
Compreender a marcha
E ir tocando em frente

Como um velho boiadeiro
Levando a boiada
Eu vou tocando os dias
Pela longa estrada eu vou, estrada eu sou

Conhecer as manhas
E as manhãs
O sabor das massas
E das maçãs

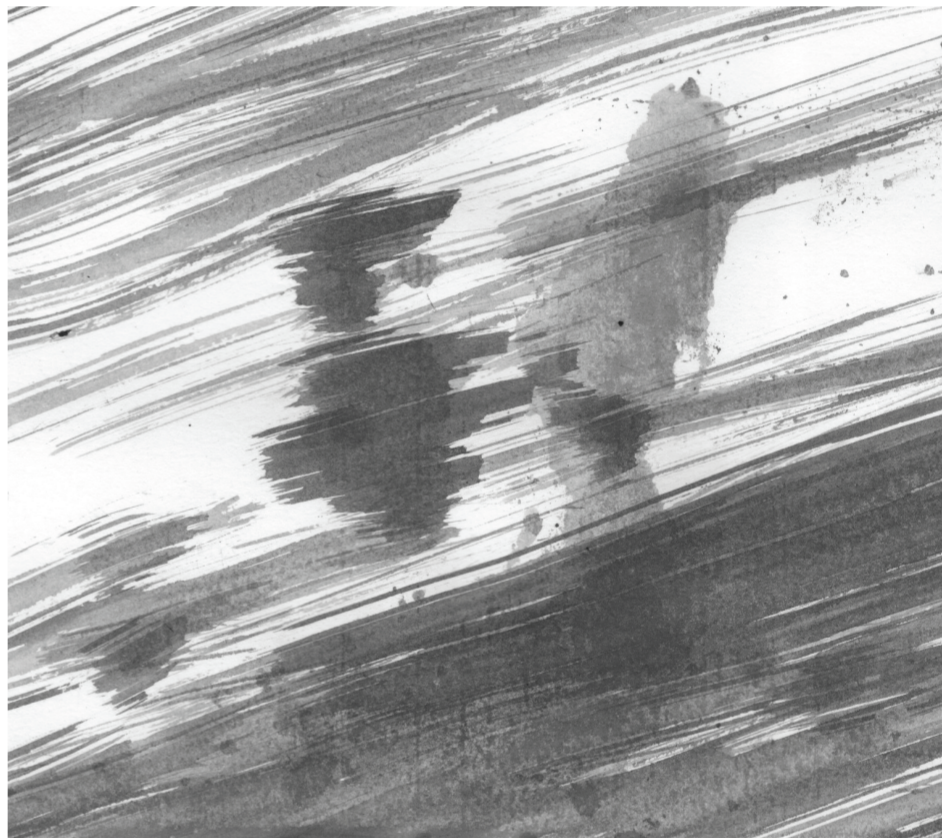
É preciso amor
Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir

Todo mundo ama um dia
Todo mundo chora
Um dia a gente chega
E no outro vai embora

Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
E ser feliz

Conhecer as manhas
E as manhãs
O sabor das massas
E das maçãs

É preciso amor
Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir



Yrupa Purahéi - Canções das Margens do Rio

Romy Martínez / voz / Paraguay
Maíara Moraes / flauta e flauta em G / Brasil
Chungo Roy / piano / Argentina

Direção artística e produção executiva: Purahéi Trio
Pesquisa: Prof. Dr. Evandro Higa e Romy Martínez
Traduções: Romy Martínez
Arranjos: Chungo Roy
Aquarelas: Fabio Dudas
Design gráfico: Maisa Felipe
Fotografia: José de Holanda
Revisão das versões: Gilberto Santacruz

Gravado e mixado por Adonias Junior e Rodrigo
Panasolo no Estúdio Arsis, Julho 2016, São Paulo.
Masterizado por Carlos Laurenz em Carlos Laurenz
Mastering, Agosto 2016, Buenos Aires, Argentina.
Exceto "Estrangeiro" Bonus Track gravado por
Gabriel Vieira, Estúdio Móvel Araruna, Dezembro
2015 no Instituto Casa Nobre, Santa Catarina.
Piano em "La cautiva" e "Tres hermanos" gravado no
Estudio Doctor F por Agustín Silverleib, Buenos Aires.

Projeto realizado com o apoio do Estado de Santa
Catarina, Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e
Esporte, Fundação Catarinense de Cultura,
FUNCULTURAL e Edital Elisabete Anderle/2014.
Prêmio da Música Catarinense.

Contato:
www.puraheitrio.com
puraheitrio@gmail.com
Tel: +55 48 30287096

